

# REVISTA DO MINHO

*Dedicada ao estudo das tradições populares*

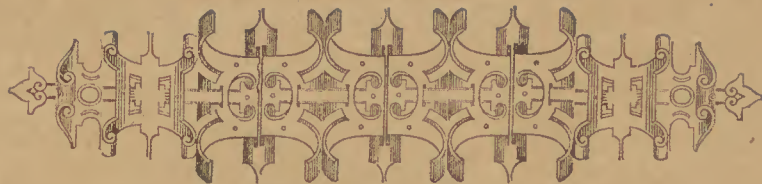
Director--José da Silva Vieira

VII anno de publicação



Redacção e Administração  
ESPOZENDE  
1891





### Origem da fundação de Barcellos, segundo a crença popular.

Barcellos, a pittoresca villa situada entre as provincias do Minho e Douro, está collocada na margem direita do rio Cavado, e entre as principaes villas e cidades d'este arcebispado, taes como: Braga, Ponte do Lima, Vianna do Castello, Espozende, Povoa de Varzim e Villa Nova de Famalicão.

A origem da sua fundação data de tempos muito remotos, desconhecendo-se quem foram os seus fundadores. Os archeologos, cançando-se na ardua tarefa de descobrir a origem do nome *Barcellos*, ainda até ao presente não o poderam conseguir com a necessaria precisão, apoiando-se unicamente na opinião de alguns escriptos que datam de éras immemoraveis. Nós, tambem não podendo avançar mais, apenas diremos o que nos consta da tradição popular, na qual acreditamos piamente, attendendo ao que nos foi transmitido pela tradição e que vamos expor:

No tempo dos mouros creou-se uma grande parte da villa, por occasião da construcção da igreja matriz a qual, pelo decorrer dos tempos, subiu á cathedra de collegiada, como ainda se denomina.

Foi ella construida pelos mouros e na mesma occasião construia-se tambem no monte de Airó uma fortificação da qual actualmente apenas se vêem vestigios.

Os operarios de ambas as construcções serviam-se só com uma marreta para o aperfeiçoamento de suas muralhas; porém, quando os de cá precisavam d'ella, acenavam, e os outros atiravam-lh'a. Custa-nos acreditar que os mouros tivessem tamanha força de pulso. Comtudo é certo que outra identica nos vem affirmar isto mesmo, dizendo-se que as mulheres eram quem levavam as pedras, por maiores que ellas fôsem, para os edificios, levando-as á cabeça, e ainda, pelo caminho iam fiando ouro na roca.

E' por tudo isto que nos parece que a fundação de Barcellos se deve em grande parte aos mouros, por isso que ainda hoje

reina n'aquella villa a mania de attribuirem aos mouros diversas façanhas

Espozende.

*José da Silva Vieira.*



### CORRECÇÕES

Resposta ao artigo publicado na «Independencia» da Povoia de Varzim sob o titulo «correcções»

Tendes telhado de vidro,  
Só para o meu atiraes,  
Fallaes de mim, fallaes d'outro;  
Só para vós não olhaes.

*(Cantiga p. da Beira Alta)*

Ha muito que desejavamos responder às correcções que nos fez o nosso amigo Candido Augusto Landolt, feitas no n.º 32 da *Independencia* de 3 de Março de 1888, da qual, o nosso amigo é redactor. No entanto, tardia um pouco, não deixará ainda assim de ter oportunidade, cumprindo-nos o dever de o informar (isto sem offensa) que se engana inteiramente quando disse que a canção n.º 191 por nós publicada em 28 de fevereiro de 1888 era genuinamente poveira.

Ora ouça o collega:

Na occasião em que a recolhi, e ainda mesmo quando a publiquei, não consultei o seu *Folklore Varzino* para saber se o amigo tinha publicado uma outra canção igual, que ainda que o fôsse nada tinhamos com o que o nosso amigo publica, pois que cada um recolhe as suas

tradições (da localidade onde se encontra) sem considerações pelas semelhanças d'esta ou d'aquella canção. Essas comparações deixemol-as para estudos comparativos, os quaes não estão nas nossas forças. Portanto nada tinhamos que annotar, visto que, como bem deve saber, as canções populares, como qualquer outra materia d'esta natureza, não são artefacto de mera propriedade exclusiva, e não vae muito longe a epocha em que o malogrado poeta e distincto filho de Barcellos Antonio Fogaça, na primeira quadra d uma collecção de canções populares disse:

Vão as pombas pelo ceu,  
Vão as canções pelo ar,  
Vae na dança, junto ao meu,  
O coração do meu par.

Pela transcripção acima, fica o collega sabendo, pela bocca d'um poeta distincto, que as canções populares, não tem nunca um character local certo, e n'estes casos qualquer folk-lorista pôde perfilhar, como obra da sua explanação, este ou aquelle verso que ouviu. Isto mesmo affirma o articulista quando diz: «A differença que me tem feito o não estarem ha muito publicadas essas tradições, só eu é que o sei. Assim varios folk-loristas tem publicado trabalhos eguaes a alguns trechos do meu livro sem a falta de uma virgula...»

Sem querer vae confessando a verdade da nossa affirmativa, que, cremos, nos é inteiramente corroborada pelos mais distinctos folk-loristas.

Por este modo de ver, o a-



migo quer ou deseja ter privilegio d'invenção, não consentindo que ninguem publique coisa alguma sem previa auctorisação sua, visto que se pode parecer com qualquer composição que lhe pertença, na falla ou na côr. Arremessando logo ás faces do seu cultor, com uma data de plagiador, ou de verdadeiro copigrapho, deprehende-se que o amigo, sem attender a uma apreciação franca, empunha o tagante da calúnia e lança mão de termos que desmerecem a reputação d'um escriptor. Devia ser mais modesto e menos egoista e attender a que nem todas as pessoas que se occupam d'estas materias estão obrigadas a possuir todos os livros, jornaes, revistas ou qualquer outras publicações que digam respeito a este assumpto.

N'em todos podemos dispor dos meios necessarios para nos fornecermos de todas as publicações, nem mesmo estas nos são sempre favoraveis.

O amigo articulista bem deve saber, que parte das nossas tradições populares são publicadas em revistas estrangeiras, cujo numero de exemplares é tanto quanto o numero de seus socios fundadores, ou escriptores; por conseguinte, se um amator qualquer desejasse, como nós já desejamos, possuir essas colleções, soffreria o desgosto de as não poder obter.

Não aconteceu assim porem, com os jornaes que trazem estas produções do snr. Landolt, que possuímos, sendo certo que o amigo apoderado de um bocadinho de rivalidade e mau es-

pirito, quis lançar sobre a nossa humilde pessoa um labeu que não existe e que nunca existiu, porque as canções que recolhemos e todas as mais materias são copiadas ips verbis da giria popular.

Perfilhando as suas doutrinas tambem por esse modo de ver, desde que compulsassemos alguns alfarrabios, poderíamos dizer que Agostinho Fortes nos tinha extorquido do nosso cancionero a canção n.º 96 publicada em 1885 a qual è:

No *Cancioneiro Minhoto* n.º 96

Minha mãe logo á noite,  
Maria bai-te deitar!—  
Ella pensa qu'eu que durmo:  
Eu ando a namorar.

Diz agora Agostinho Fortes no seu *Cancioneiro Trastagano*, canção n.º 3:

Minha mãe logo á noite,  
«Maria vae-te deitar!»  
Ella pensa que eu que durmo,  
E eu ando a namorar.

Na opinião do snr. Landolt, aqui temos um roubo feito à *Revista do Minho* pelo snr. Agostinho Fortes, apesar de não conhecer a mesma *Revista*, como nos parece.

Mas continuemos:

A pag. 68 publicamos tambem uma cantiga com o n.º 151 e que pertence a Barcellos, que diz assim:

Botei um limão correndo  
A' tua porta parou;  
Quando o limão tem amores;  
Que fará quem o deitou!

E no *C. T.* de A. F. vem com o n.º 8:

Atirei um limão verde  
A' tua porta parou;  
Quando o limão faz parada,  
Que fará quem o atirou.

Em 28 de fevereiro de 1888 publicamos no *Canc. Minhoto* (canções populares d'Espozende) abaixo do n.º 199 a qual dizia:

Botei um limão, correndo  
A' tua porta parou  
Quando o limão te quer bem  
Que fará quem o botou.

Aqui está esta canção recolhida em Espozende que é uma variante das duas publicadas, mas não plagiada, como quer o sr. Landolt

Vamos adiante.

No mesmo *C. T.* vem com o n.º 18 uma canção que diz assim:

Vivo triste, pensativa,  
Suspirando, dando ais;  
Desejando de saber,  
Se por outra me deixais.

Aqui em Espozende temos ouvido cantar esta mesmacantiga differindo só no sexo e na quarta perna da quadra; eil-a:

Ando triste, pensativo,  
Suspirando, dando ais;  
Desejoso por saber,  
Se por outro me trocaes.

Continuando na leitura encontro no mesmo *C. T.* uma outra com o n.º 21 que se expressa as-

sim:

Alem do mar andam guerras,  
Eu bem ouço dar os tiros;  
Eu bem ouço combater,  
Os meus ais e os teus suspires.

No nosso *C. Minhoto*, canção dos arredores de Barcellos, publicamos a pag. 48 da *Rev. do Minho* uma quadra com o n.º 84 que dizia assim:

No mar largo anda guerra,  
Q'eu bem ouço dar os tiros;  
Vem ouço andar em guerra  
Os meus ais e os teus suspiros.

*C. T.* canção n.º 24 diz:

No caminho da cidade,  
'stá uma silva amarella,  
Todos passam, não se prendem;  
Sò eu logo fiquei n'ella.

Em Barcellos, onde a colhemos, canta-se:

Na ponte de Barcellinhos,  
'stava uma silva no chão,  
Todos passam, ficam soltos,  
só eu fiquei na prisão.

Eis aqui só no *Cancioneiro Trastagano* as cantigas que teem analogia com as que temos publicado e para publicar, e nem assim, acreditamos que elle nol'as sorripiasse do nosso *Canc.* nem tampouco nós do d'elle.

(Continúa)

José da Silva Vieira.